

Imprensa livre e imparcial*

Luiz Eduardo Rocha Paiva**

A mídia constrói e a mídia destrói. Por aí se percebe o poder da imprensa e sua possibilidade de participar, significativamente, da edificação de uma sociedade esclarecida, aberta, madura e de forte espírito democrático. Tem importante papel social e deve ser conduzida mais como serviço do que como empresa, com toda a responsabilidade daí decorrente.

A liberdade de imprensa é um dos pilares do regime democrático, e os excessos porventura cometidos, contra grupos ou indivíduos, não podem servir de justificativa para limitá-la, como pretendem algumas autoridades. Que tal aperfeiçoar a Justiça, tornando-a mais ágil, de modo a ressarcir quem seja prejudicado por possíveis excessos?

A imprensa tem sido decisiva para desvendar o véu que encobre a falta de cidadania, a soberba onipotência, a corrupção e a impunidade, que compõem a face de grande parte da liderança nos altos escalões da República e comprometem a confiança nas instituições. Assim, contribui para a sociedade ir tomando consciência da necessidade de um choque de valores, para melhorar a si própria e mudar o perfil daquela liderança, o que só depende de sua vontade e de seu valor.

A imparcialidade é um dos atributos fundamentais a serem cultuados pela imprensa e se traduz pela abertura de iguais oportunida-

des à livre expressão de ideias, independentemente de posições ou pensamentos legitimamente adotados por um órgão. Por outro lado, mesmo amparada em leis que a protejam da mordaza política, só é livre a imprensa que não se submete ao poder econômico ou à censura do patrulhamento ideológico de qualquer matiz. A credibilidade e o respeito, assim conquistados, asseguram-lhe a autoridade moral e, em consequência, reforçam a defesa de sua liberdade.

Ao abrir, de forma equânime, espaços para a livre expressão do pensamento, a imprensa ajudará, também, a derrubar a ditadura do “politicamente correto”, expressão cujo entendimento distorcido inibe o contraditório e empobrece o debate de ideias, condições fundamentais ao aprimoramento da democracia. Hoje poucos têm coragem de se declarar de direita ou conservadores, pois temem ser rotulados de radicais, injusta e incorretamente, pelo patrulhamento ideológico ainda forte no Brasil. “O conservadorismo não é contrário às mudanças, como se costuma supor, mas entende o progresso útil como proveniente do saber anterior e acumulado e, portanto, plantado nas virtudes e nos valores do passado”.¹

Difícil, por exemplo, é ter espaço para apontar aspectos positivos do regime militar,

* Transcrito do jornal *O Estado de S. Paulo*.

** O autor é General de Brigada.

¹ ROHMANN, Chris. *O livro das ideias*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

é quebrada por agressões perpetradas por instituições, isto é, por Forças Armadas de um determinado Estado, no caso desse conflito, acordos de cessar-fogo podem ser rompidos pela ação de um único indivíduo.

Essas ações compreendem atentados suicidas, disparos de rajadas de tiros em multidões e lançamentos de foguetes do quintal de uma casa e muitas vezes não são feitas a mando de movimentos como o Hamas, o Hezbollah ou algum grupo de extrema-direita israelense.

Nesse sentido, a influência de uma pessoa como Yigal Amir (que assassinou o Primeiro-Ministro israelense Yitzhak Rabin, em 1995) não pode ser negada.

b) A centralidade do conflito para a legitimidade de ambas as partes e para o seu desempenho eleitoral. As oscilações na popularidade dos governos em Israel e nos territórios palestinos estão diretamente ligadas à situação

do conflito palestino-israelense. Por conta disso, os eleitores tenderão a votar em um candidato que lhes garanta a segurança em relação ao "inimigo", o que significa que a guerra muitas vezes pode ser o recurso mais útil para uma gestão que apresenta desempenho medíocre em áreas como educação, saúde ou previdência social, por exemplo.

Nesse sentido, Gilles Lapouge lembra que a base eleitoral ao Hamas vinha declinando há um ano: uma pesquisa recente havia mensurado em 16,6% o apoio ao grupo, contra os 40% direcionados aos moderados do Fatah, que controlam a Cisjordânia.²

Do lado de Israel, a disputa entre os três grandes partidos políticos do país (o Likud, o Kadima e o Trabalhista) nas eleições legislativas agendadas para fevereiro de 2009 dependerá em boa medida do desfecho da Operação Chumbo Fundido na Faixa de Gaza. ●

² LAPOUGE, Gilles. *A lógica realista da guerra em Gaza*. Disponível em: http://www.estadao.com.br/internacional/not_int304734,0.htm. Acesso em: 18 de janeiro de 2009.



Editorial 2009

Coleção General Benício

HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE
ALIANÇA E O PARAGUAI

Volume I – Augusto Tasso Fragoso

Obra composta de cinco volumes, editada pela Bibliex, na década de 1950. Encontrava-se esgotada e havia bastante interesse dos leitores em adquiri-la. No primeiro tomo, são abordados os antecedentes históricos da guerra, incluindo a intervenção brasileira no Uruguai, em 1864, bem como o início da invasão paraguaia, na Província de Mato Grosso, por ordem de Solano López.